

seada pelas hortas chinesas, que dão a última palavra na secular horticultura de uma civilização que já foi vegetal, ao lado da vida marítima que se entremostra na cidade flutuante da baía.

Quanto ao precioso inventário da documentação macaense, compreendeu êle os manuscritos do Arquivo do Leal Senado da Câmara de Macau, cujos exemplares mais antigos datam do século XVII, e o núcleo do Arquivo da Repartição Central dos Serviços da Administração Civil, abrangendo 1501 documentos desde 1734 a 1895, cujo índice foi elaborado pelo macaense Basílio do Rosário.

A natureza dos documentos é vária, destacando-se aquêles referentes às relações econômicas de Macau com a China, além de outras regiões vizinhas como Timor, Índia, Solor, Cochinchina, Sião, Filipinas, Camboja, Tonquim, Malaca, Batávia, etc.

O núcleo mais importante é o da Câmara de Macau, que se compõe de 236 códices, compreendendo um período que vai de 1630 a 1924, tendo sido a inventariação feita pelo macaense Luís Gonzaga Gomes.

Pelo índice onomástico, geográfico e ideográfico que valoriza o volume, é possível verificar-se que apenas dois manuscritos têm mais direto interesse para a história do Brasil, embora os assuntos que apresentam sejam secundários, ao inverso da primeira parte do mesmo catálogo (Boletim n.º 19), que apresentou manuscritos que se referiam ao Brasil não somente em maior número, como também de maior importância histórica quanto ao seu conteúdo.

Este número 25 do Boletim da Filмотeca Ultramarina Portuguesa, do qual o Catálogo de Macau é separata, assinala 10 anos de sua circulação, representando a coleção uma das mais inteligentes contribuições que conhecemos para a história da expansão portuguesa.

Com essa publicação, o Centro de Estudos Históricos Ultramarinos atendeu de maneira excelente à pesquisa histórica, desta feita oferecendo a oportunidade de acesso justamente a uma das histórias econômicas que nos é menos conhecida, isto é, a do Extremo Oriente, num momento em que mais se pronunciavam em Macau duas nocentes causas da destruição dos manuscritos, ou sejam, o clima e as formigas brancas.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

*

* *

WOLFF (Philippe) e DIEUZAIDE (Jean). — **Voix et images de Toulouse**. Editions Edouard Privat. Toulouse. 1962. Um volume, 18 x 22,5, com 292 páginas de texto e 96 páginas de fotografias. 35, 40 NF.

Voz: o que se diz de Toulouse, desde Estrabão e Cícero até os nossos dias. **Imagem:** uma cidade e seu povo vista por um fotógrafo duplamente sensível a êsse universo, como artista e tulusano.

Cam efeito, êsse livro se harmoniza pelo sucesso separado de dois esforços: o do historiador, Prof. Wolff, deixa os textos falarem, alguns dêles traduzidos do latim ou do ocitano; o artista, Jean Dieuzaide nos faculta descobrir a presença humana numa grande cidade. Saborosos, às vêzes agressivos, muitas vêzes comoventes, os textos são precedidos por grandes notícias históricas que precisam o sentido e amplificam o seu valor. Realista, maliciosa ou melancólica, a série de imagens não foi inserida para ilustrar o texto, mas representa uma obra que traz em si sua unidade.

Após a **Histoire de Toulouse** do Prof. Philippe Wolff, que já está na sua segunda edição, esta **Voix et Images de Toulouse** nos traz a presença dessa cidade através dos diálogos da palavra e da visão.

E. S. P.

*

* *

RODRIGUES (José Honório). — **Conciliação e reforma no Brasil. Um desafio histórico político.** Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1964. 246 págs.

Uma das mais penetrantes interpretações panorâmicas de nossa história política acaba de dar-nos o Prof. José Honório Rodrigues, numa obra cuja leitura justamente apaixona menos pelo caráter polêmico e até pela própria natureza das proposições defendidas, do que pela acuidade do autor nas análises que realiza, qualidade essa já reconhecida em títulos vários de sua obra anterior. Se nos atrai êste último predicado, nem por isso entretanto deixam de merecer maior reflexão os temas aqui tratados pela seriedade que encerram.

Tem por objetivo o livro uma espécie de inventário das causalidades históricas brasileiras, compreendendo seus processos evolucionários e revolucionários, equacionando suas teses e antíteses mais expressivas, apuradas desde o período colonial até a contemporaneidade, através dos motivos condutores que são apontados e estudados pelo autor.

Partindo sobretudo da obra de colonização portuguesa no Brasil, aponta-nos as raízes da índole e dos comportamentos individuais e coletivos, reveladores de nossas tendências transigentes e intransigentes.

Com a informação erudita, com que sempre marcou sua obra, sabendo dar força aos dados estatísticos que arrola para sua argumentação, o prof. José Honório Rodrigues critica as teses geralmente defendidas pelo que chama de "história oficial", e que seria menos **oficial** do que acadêmica e acomodaticia na posição descritiva que sempre assumiu através das consagradas repetições de ambição fotográfica, isto é, de simples "flashes". sem maiores reflexões ou tentativas de interpretação, numa disposição que caracterizou a quase totalidade do nosso "processo historiográfico", pelo menos até há pouco, principalmente antes dos trabalhos de propedêutica, in-